

Literatura de Cordel

O Perito Criminal e o Caso do Pavão Misterioso

Autor: José Alysson D. M. Medeiros



Direitos autorais reservados

1ª Edição

Após o lançamento do cordel "O Encontro do Matuto com o Perito Engenheiro", um colega de Brasília sugeriu que escrevesse um cordel sobre perícias ambientais, pois, segundo suas próprias palavras, "tem muito bicho, muito mato e muita estória engraçada para contar". Após quase um ano, a estória acaba de sair da gaveta do tempo...

Além desta sugestão, motivou-me o trabalho que tenho acompanhado diariamente dos novos colegas de sala, ambos engenheiros florestais, bem como a participação de peritos criminais na autoria do *Guia de Identificação de Aves Traficadas* e do *Guia de Identificação de Pelos de Mamíferos Brasileiros*.

Não poderia deixar de comentar a grande referência pessoal que tive: o privilégio de ter trabalhado e vivido na Região Amazônica, especificamente no Estado do Amapá. A exuberância do Rio Amazonas, a natureza ao redor e as amizades realizadas transcenderam (e muito!) toda e qualquer adversidade vivenciada na época. Restaram, portanto, apenas as boas lembranças que agora torno presentes ao escrever esta pequena estória em formato de literatura de cordel.

A referência ao título, por sua vez, veio do maior clássico do cordel de todos os tempos: "Romance do Pavão Misterioso", atribuído a José Camelo de Melo Rezende. Esta é minha homenagem ao autor e aos seus trabalhos.

Agradeço a toda fonte de inspiração acima mencionada e, por fim, aos xilogravuristas convidados, cuja arte vem embelezando e enobrecendo as rimas por mim disparadas.

O autor.

O Perito Criminal e o Caso do Pavão Misterioso

Autor: José Alysson D. M. Medeiros

Eis aqui minha homenagem
A uma lenda do cordel,
É a estória mais lida
Do civil ao coronel:
"O pavão misterioso",
Obra de bom *menestrel!

Mas aqui vos apresento
Uma versão bem distinta:
O "pavão" daqui é bicho
– Não foi pintado com tinta –
De plumagem especial
– Uma ave quase extinta...

Nos confins da Amazônia,
Floresta monumental,
Havia um bicho nativo
De beleza sem igual,
Uma exótica espécie
da fauna celestial.

* José Camelo de Melo Rezende, a quem se atribui a primeira versão do "Romance do Pavão Misterioso".



Xilogravura: José Costa Leite

Ninguém sabia o nome
Daquele animal pomposo,
E começaram a chamá-lo
De “pavão misterioso”,
Pois não podia ver gente,
Que se escondia, medroso.

O animal residia
Na Árvore do Esplendor,
Esquina do Amazonas
Com a linha do Equador,
Sua morada era bela,
Vivia em paz e amor.

Até que veio um trator
Arrastando uma corrente,
Foi botando tronco abaixo,
Numa atitude indecente;
Saiu desmatando tudo
Que encontrava pela frente!

O “pavão”, pra se salvar,
Voou pra árvore ao lado,
Mas antes que se escondesse,
Veio um baixinho invocado,
Botou o bicho num saco
– Estava capturado!

O homem pensou assim:
“Com esse bicho na mão,
Me mando pro exterior;
Vendo-o pra estimação,
E, chegando ao cativeiro,
Vou ganhar mais de 1 milhão!”

Só que o cabra não contava
Com uma grande operação
Chamada “Arco de fogo”,
Que é contra a devastação
De tudo que é da floresta
– Mata, bicho ou ribeirão!

E cada equipe da Arco
Sempre conta com um perito
Pra cada especialidade
Relacionada ao delito
Contra a fauna ou contra a flora,
Esciarecendo o conflito.

Tem biólogo, geólogo,
Engenheiro florestal...
Tem engenheiro de minas,
Nessa área ambiental;
Tem até veterinário
Se o caso é com animal!

Quanto ao nosso pavãozinho,
Foi levado ao aeroporto
Fantasiado de gato,
Abatido e semimorto,
Mas ao passar na polícia,
Veio a sorte e o conforto.

O “baixim” tava nervoso
Ao passar na Federal,
Torcendo pra que o pavão
Ficasse quieto e normal;
Desconfiando da farsa,
O agente foi letal:

“Olha que bichano grande...
Não paro de apreciar!
Vou te pedir uma coisa:
Podes, pra mim, miar?”
E a ave, desesperada,
Foi soltando logo um “Cráááár”!

Prenderam o traficante
De aves pro exterior.
Pra encerrar a estória,
Com uma dose de primor,
Foi convocado o perito,
Que esclareceu com rigor:

“A ave aqui traficada
É uma harpia, é de rapina;
Não se trata de pavão,
E ainda é uma “menina”.
Esclarecido o assunto,
Soltem-na lá na colina!”

Tratando agora da mata,
Como se iria saber
Se a área devastada
Foi obra de A, B ou C,
Já que a sangria é constante
E o tamanho é de doer???

Ao se buscar a resposta,
Nada de ficar aflito;
Procure aquele que sabe:
Indague para o perito.
Feito assim, o expert
Responde-lhe por escrito.

Acredite, meu amigo,
No que agora vou dizer:
Quando tudo está perdido,
Ou parece se perder,
Eis que um cara lá em cima
Tá olhando por você...



Xilogravura: Erick Lima

O nome dele é Satélite,
O olho que tudo vê.
Passeia lá nas alturas
E transmite pra você;
Capturando as imagens,
Registra a mata a sofrer!

E o perito determina
O dano e sua extensão,
Verifica ainda a data
Com extrema precisão,
E do crime cometido
Apresenta a explicação!

Seja dia ou seja noite,
Velando a mata sofrida,
O animal castigado
Ou a água poluída,
Há sempre um perito atento;
Sempre em defesa da vida!

— *Fim* —

Texto finalizado em maio de 2015.
Publicado em setembro de 2015.

José Alysson D. M. Medeiros é engenheiro, natural de João Pessoa/PB. Trabalha como Perito Criminal Federal.

José Francisco Borges (J. Borges) é cordelista e xilogravurista pernambucano, nascido e residente em Bezerros, onde mantêm seu ateliê. Entre muitas premiações, recebeu da UNESCO o Prêmio Cultura.

José Costa Leite é poeta paraibano, nascido em Sapé e residente em Condado/PE. É considerado pela crítica especializada como o mais importante gravador e cordelista vivo no Brasil.

Erick Lima é artista plástico natural da cidade de Natal/RN, especializado em xilogravura. Desenvolve suas atividades junto aos poetas cordelistas da Casa do Cordel na capital potiguar.

APOIO:



Associação Nacional dos Peritos Criminais Federais